

O navio que nos transporta

O navio que nos transporta está em perigo. É esta percepção do mundo que Isabel Garcia propõe através do tema da sua exposição “Save Our Ship”, entendida como um SOS que recorda o código Morse: um pedido de socorro ou um grito colectivo desesperado sobre o futuro da vida no planeta devido às crises generalizadas provocadas pelas crises climáticas e pela pandemia. Um perigo máximo e um grito de alerta que, segundo o filósofo e antropólogo da ciência Bruno Latour, já não se caracteriza somente por crises ecológicas, por crises culturais e políticas assim como guerras. É, pois, através da designação “Save Our Ship”, que a vida e o mundo se abrem à nossa frente com um grande ponto de interrogação e um grito de alerta. Esse grito já estava anunciado nas últimas exposições de Isabel Garcia. No catálogo da exposição “Greenhouse II” (2023), Isabel Garcia escreveu que tendo recebido em 1985 uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, iniciou então uma pesquisa que lhe permitiu interligar diferentes materiais como ferro, vidro, aço polido e pedra. Dessa investigação nasceriam as primeiras “Greenhouses”, estruturas em vidro aramado e ferro, compostas por módulos que abrigavam taças esculpidas em mármore. Umas continham sementes secas e água. Outras estavam cheias de germinações de batatas. Este interesse pelo mundo vegetal e pelos alimentos básicos continuou associado à interpretação das condições atmosféricas benéficas ou destruidoras. Por exemplo, o pão que também aparece agora em “Save Our Ship” é uma presença habitual no seu trabalho usado como matriz das frottages sobre papel, depois de passado a bronze, como foi o caso das exposições “Matriz” (Galeria Serpente, 2019), “Seed/Semente” (Galeria Arte Periférica, 2020), “Seedland” (Museu de História Natural, 2021), “Greenhouse I” (Galeria Diferença, 2022) e “Greenhouse II”, na Galeria da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães, 2023).

Este mundo da materialidade dos artefactos e das “coisas” naturais ou dos objectos serviu-lhe de símbolo para criar, alegoricamente, imagens visuais e histórias que nos falam da necessidade do sagrado, dos princípios éticos e morais, mas também sobre a grande questão que constitui hoje a continuidade da existência humana.

Será talvez esta metodologia de trabalho que Isabel Garcia segue, seja nos trabalhos tridimensionais, seja na pintura, como é o caso desta actual série de pinturas nas quais, através de paisagens angustiantes ou do movimento das nuvens, nos leva a reflectir sobre a transformação e a desorientação que guiam o mundo contemporâneo.

Cada pintura devolve-nos fragmentos imaginários desse futuro em aberto. Se em “Save Our Ship, citando Anish Kapoor” evoca a exposição “Turning the world upside down” (2011) deste artista e as suas esculturas com superfícies reflectoras, ao contrário de Kapoor, Isabel Garcia não pretende “virar o mundo de pernas para o ar”, nem suscitar a contemplação.

O seu objectivo é mais urgente e pragmático. Na série de pinturas de paisagens agora apresentadas – como em “Save Our Ship # 1”, “Save Our Ship Tempestade” ou “Save Our Ship Luar” – sentimos a força dos elementos ambientais. Apesar da sua dramaticidade o nosso olhar encontra, estranhamente, na profundidade da paisagem uma sensação de espaço-tempo. Temperatura, pluviosidade, luminosidade, profundidade e pressão atmosférica parecem todas elas absorver estes céus em movimento que se expandem, tal como as montanhas que desaparecem no horizonte. São céus mais ou menos ameaçadores; montanhas escarpadas também assustadoras; e plantas, fetos que crescem e desabroçam.

Estas paisagens são construídas como perspectivas em altitude, cujos horizontes parecem prolongar-se para lá dos limites da tela. Depois, são paisagens que se encadeiam umas nas outras, formando sequências de imagens que transmitem diferentes sensações e estados perceptivos. Pintura expandida e sensorial na qual irrompe uma teatralidade cinematográfica. Os elementos dos pequenos abrigos são agenciadores ou operadores de significado, tal como os elementos dos pães em “Save Our Ship, # 2”, “# 3”, “#4”, “# 6”, ou “# 7”. Neles, podem esconder-se perigos que espreitam, tais como minas e armas brancas como soqueiras. Mas quando vem a aurora e tudo parece renascer, a esperança brilha no horizonte e o coelho da abundância salta do seu esconderijo. Identicamente, os pães, como sementes que se abrigam ou suspendem no ar, remetem para a ideia de multiplicação, espalhando-se na atmosfera.

Como construir então uma ecologia política como advogam os pensadores ecologistas? Teremos de construir novos modelos institucionais, mudanças éticas e novas formas de coexistir? Seremos capazes de novas formas de cidadania? São estas questões que ao conversarmos com Isabel Garcia nos interpelaram ao observar a proposta pictórica de “Save Our Ship”; ideias que podem actuar e transformar consciências, desencadear conversas e acções mais ou menos visíveis em nós ao olharmos estas obras.

E creio não ser despidiando afirmar que a estratégia formal de revisitação da pintura clássica deu a Isabel Garcia a possibilidade de a transmutar, enquanto construiu um forte dispositivo comunicacional mais directo para transmitir as questões que a preocupam. “Poppy Day” será talvez o fecho da exposição, enquanto símbolo plurisemântico das memórias das guerras do século XX. Num momento em que assistimos a mutações climáticas que afectam a natureza e os seres humanos e não humanos, todos têm de ser vistos como uma única colectividade ameaçada de extinção. Pois aqui está a arte a interrogar o futuro do planeta!

Filomena Serra, Abril de 2024**

**Historiadora de Arte e investigadora do Instituto de História Contemporânea da FCSH/Universidade Nova de Lisboa.

*Poppy Day (11 de Novembro) é o dia da lembrança nos países da Commonwealth para recordar os sacrifícios dos membros das forças armadas e civis em tempos de guerra, sobretudo desde a primeira guerra mundial.

Isabel Garcia

Licenciou-se em Pintura na ESBAL.

Frequentou o curso de ourivesaria no ARCO.

Fez escultura em pedra na Madeln.

Leccionou os cursos de Artes no Liceu Pedro Nunes.

Em 1985 foi subsidiada pela F. C. Gulbenkian para investigar a interligação de diversos materiais e a partir de então, tem recorrido à escultura, ao desenho e à pintura como meios de expressão. O interesse pelos fenómenos naturais e telúricos sobre a natureza, e a preocupação com as questões ecológicas e sobrevivência da humanidade, têm estado na base da sua motivação criadora.

No seu processo de trabalho parte da escultura para o desenho, por meio de frottage, que regista sobre papel. A matriz resultante do corte feito sobre esculturas em bronze, passou a ser um dos seus instrumentos de registo.

Destacam-se exposições recentes, como Matriz, na G. Serpente, Seed/Semente na G. Arte Periférica, Seedland no MNHNC, Greenhouse/Semear na G. Diferença, Greenhouse II na Sociedade Martins Sarmento.

A instalação e o vídeo, têm feito parte das suas intervenções em espaços institucionais, como Mesas Postas no Mosteiro de Alcobaca, Rosa Rosae no Museu Alberto Sampaio em Guimarães, Love Affair no Convento dos Capuchos em Almada, Tormenta na Ala Sul do Mosteiro de Alcobaca.

Expõe regularmente desde 1981 em Galerias de Arte e Museus. Participou e inúmeras exposições colectivas em Portugal e no estrangeiro.

Intervenções de escultura em espaços públicos

- Jardim do Hospital de Ponta Delgada;
- Zona envolvente do Hospital de Santa Maria da Feira;
- Zona de acesso ao Hospital de Tomar;
- Rotunda de acesso à consulta externa do Hospital de Penafiel.

Prémios

1985 - Prémio de Desenho na II Bienal de Desenho Árvore, Porto. Prémio de Pintura na exposição Arte e Desporto, organizada pelo Comité Olímpico Português, Lisboa.

1992 - Menção Honrosa em Pintura, “Prémio João Hogan”, Lisboa.

2005 - Menção Honrosa em Desenho, “Prémio Vespeira” na VIII Bienal de Artes Plásticas Cidade de Montijo.

2008 - Menção Honrosa em Instalação, Prémio Vespeira na IX Bienal de Artes Plásticas do Montijo.

Representação em Coleções

Caixa Geral de Depósitos - Chemical Bank de Lisboa - Fundação PLMJ - Hospitais de Ponta Delgada, Santa Maria da Feira, Tomar e Penafiel - Hotel D. Luís de Coimbra - Private Bankers (B.C.P. do Porto) - Grupo Medinfar - Museu Alberto Sampaio, Guimarães - C.A.C. da Casa da Cerca, Almada - Fundação Armazém das Artes, Alcobaca - Câmara Municipal de Montemor-o-Novo - Centro Cultural de Macedo de Cavaleiros - Câmara Municipal de Alcobaca – Museu da Assembleia da Republica – Sociedade Martins Sarmento em Guimarães.



Centro Cultural de Belém, Lojas 5-6 1449-003 Lisboa

Telef: +351 213 617 100

ap@arteperiferica.pt www.arteperiferica.pt

De terça a domingo das 10h às 19h

arteperiferica

GALERIA

ISABEL GARCIA

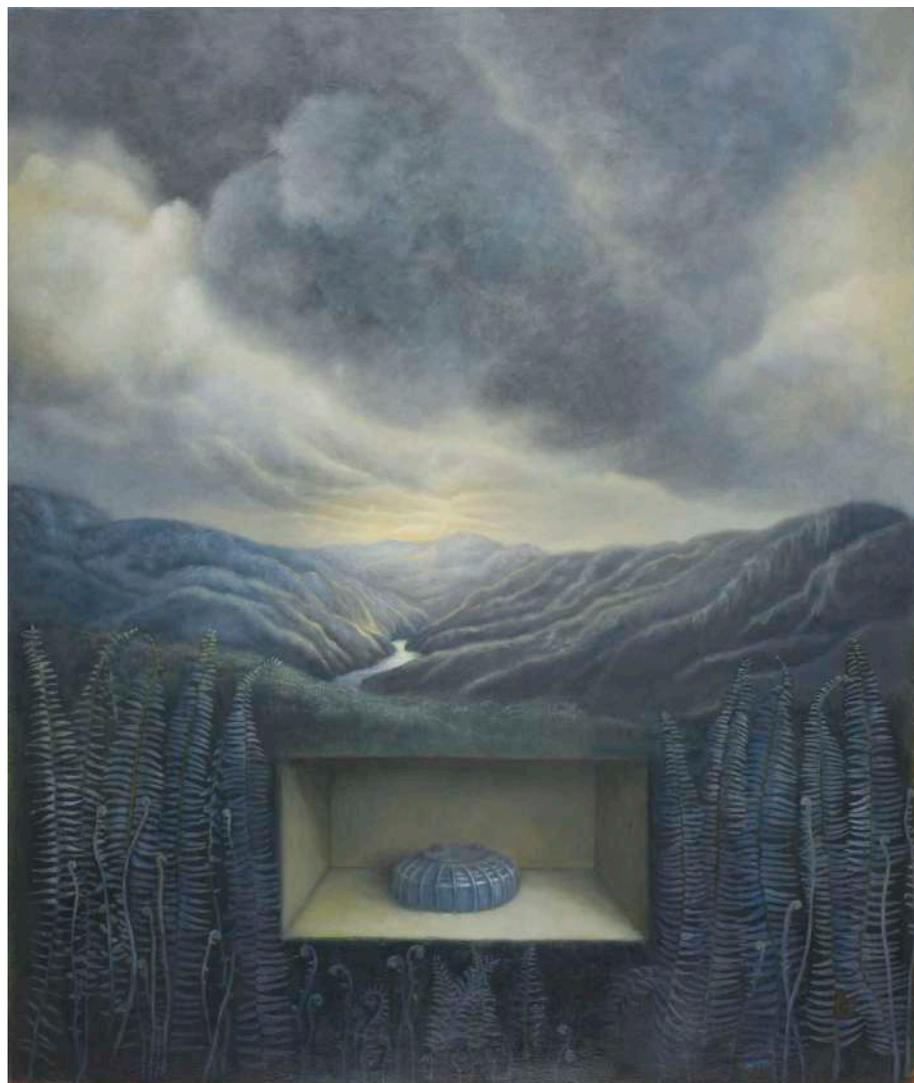
Save Our Ship

17 de maio

a 20 de junho 2024



Capa: Save Our Ship, Aurora, óleo sobre tela - 130x110 cm - 2023/24



Save Our Ship, Tempestade, 2023/24
Óleo sobre tela - 130x110 cm



Save Our Ship, #6, 2023/24
Óleo sobre tela - 100x140 cm



Save Our Ship, #3, 2023/24
Óleo sobre tela - 100x130 cm



Save Our Ship, Luar, 2023/24
Óleo sobre tela - 130x110 cm